

INTRÉPIDA

Gabrielle Dal Molin

tenho medo de aranha
de polícia
de insulto

tenho medo de cobra
de farda
de tumulto

já tive medo de estar grávida
de ter câncer
de morrer e não ser lembrada

já tive medo de deus
quando li o apocalipse

da boneca da minha bisavó
da cadeira coberta na sala
que eu não sei se foi em sonho
na novela ou em casa

tenho medo de sonhos repetidos
e daqueles que me frustram
quando acordo e queria voltar

mas de morrer de amor
nunca tive medo
tenho é de amar pouco
de faltar pulso
de beijo morno
não tenho medo do teu corpo

não tenho medo de ser atravessada
pela luz prismática dessa água
benta e profanada
enruga o dedo
aumenta o calor

não tenho medo de rimar com dor

só dói quando não sou amada
mas não tenho medo
porque amar me salva